

Problemas concernentes às definições de cores em Dicionários Gerais do Português Brasileiro

Larissa Moreira Brangel*

Resumo: As definições de cores encontradas nos dicionários do português são passíveis de uma série de críticas. A análise dos verbetes de cores dos dicionários AuE (2004), HouE (2001), MiE (2001) e AnMS (1813) revelou que nenhuma destas obras apresenta verbetes de cores satisfatórios no que diz respeito à elucidação do significado de uma cor. Além disso, constatou-se que poucas foram as modificações sofridas nas definições de cores das obras do século XXI quando comparadas à obra do século XIX. O fato de os verbetes de cores dos dias atuais apresentarem falhas semelhantes às dos verbetes de cores de obras editadas há quase 200 anos parece indicar uma lacuna nos estudos lexicográficos que trate das cores nos dicionários. O presente trabalho se dispõe a apresentar e discutir os problemas encontrados nos verbetes de cores. Para tanto, se procurou estabelecer uma relação entre os problemas encontrados nos verbetes de cores e a teoria lexicográfica, a fim de explicar o problema e, assim, melhor entendê-lo.

Palavras-chave: Cores; Dicionários; Teoria Lexicográfica.

Abstract: Color definitions in Portuguese dictionaries are subject to much criticism. The analysis of color entries in AuE (2004), HouE (2001), MiE (2001), and AnMS (1813) revealed that none of these dictionaries have satisfactory entries when it comes to elucidating the meaning of colors. Moreover, it was observed that color definitions are quite similar when 21st century dictionaries and a 19th century dictionary are contrasted. Finding the same problems in color definitions of current and old dictionaries may indicate a gap in lexicographic studies concerning colors. This paper aims to present and discuss those problems. To do so, we tried to relate problems found in color entries to lexicographical theories, in order to explain these problems and understand them.

Keywords: Colors; Dictionaries; Lexicographical Theory.

1 Introdução

O ser humano, devido à constituição genética que lhe é característica, possui em sua configuração biológica uma propriedade que o torna privilegiado em relação a algumas espécies animais do planeta: trata-se da capacidade de enxergar em cores (EVANOVICH, 2004). O fato de interagir com o fenômeno cromático desde as épocas mais remotas da sua evolução levou o homem a estabelecer os mais diversos tipos de relações com as cores, que vão desde a busca de explicações científicas ao fenômeno, como fez Newton (1979), até o uso do mesmo para fins puramente estéticos. Desse modo, seria impossível para o homem contemporâneo se imaginar vivendo em um mundo em preto e branco visto o papel fundamental que as cores ocuparam no desenvolver-se da história. Pensemos, por exemplo, no papel das cores na sinalização de

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

trânsito, na caracterização de times esportivos, na elucidação de visões políticas em bandeiras e símbolos partidários e em tantas outras esferas da realidade vivenciada pelo homem.

Devido a sua grande importância e marcante presença no decorrer da história da humanidade, o fenômeno cromático tem sido alvo de inúmeras indagações científicas, o que o levou a ser estudado sob os mais diversos enfoques teóricos, a exemplo de Wittgenstein (1977), Goethe (1993) e Newton (1979). Ao tratar da tentativa de se reescrever a história das cores, Pastoureau (1997, p. 98) postula que este exercício consiste em uma tarefa complexa por, dentre outros fatores, ser demasiadamente difícil ao historiador abordar todos os domínios da cor de modo a tratar de todos os pontos de vista possíveis de maneira global. Para o autor, um exercício de tal natureza só seria possível através da separação do objeto de estudo (cor) em capítulos relativamente estanques. Na concepção de Pastoureau (1997), portanto, falar do fenômeno *cor* envolve uma enorme gama de pontos de vista diferentes a respeito de um mesmo assunto, porém, para abordar este fenômeno é necessário que se opte por um enfoque específico.

Guimarães (2000, p. 3), por outro lado, ao conduzir seus estudos sobre o fenômeno cromático, optou por considerar a cor como um processo amplo, que requereria um estudo de natureza interdisciplinar. O autor justifica seu posicionamento pelo fato de os pressupostos de um enfoque não invalidarem outros, necessariamente. Seguindo esta corrente, seria possível dizer que as abordagens teóricas ao fenômeno cromático, além de não se anularem, muitas vezes se complementam, mostrando que pela soma das partes é capaz de se chegar a uma visão mais global do objeto. Diante de duas ideias divergentes, uma que defende a abordagem específica ao fenômeno cromático e outra que defende a abordagem global, o presente trabalho se posiciona como uma pesquisa de caráter restrito ao tema, ou seja, corrobora com as ideias de Pastoureau (1997). Propomos, aqui, estudar a cor através de um olhar de natureza linguística à mesma, porém não desconsideramos o fato de o fenômeno cromático ser um objeto complexo, passível de ser abordado sob uma série de enfoques teóricos, apesar de não ser esta a nossa proposta.

Segundo Goethe (1993, p.37), “cada olhar envolve uma observação, cada observação uma reflexão, cada reflexão uma síntese”. Seguindo o raciocínio do autor, podemos afirmar que falar sobre cor pelo viés da Física equivale a falar de comprimentos de ondas (HALLIDAY, 2003, p.2), ou que, ainda, tratar deste mesmo

tema pelo viés da Biologia remete a um estudo sobre percepção dos comprimentos de onda pela retina e a transmissão desta informação ao cérebro (AMABIS; MARTHO, 1997, p.459). Dentre a multiplicidade de olhares possíveis ao fenômeno cromático, propomos, no presente trabalho, um olhar de natureza linguística, que traga reflexões sobre o comportamento do fenômeno cromático na linguagem humana. Porém, dizer apenas que o fenômeno será abordado sob um prisma linguístico ainda constitui uma afirmação muito vaga, visto o leque de opções de abordagens que os estudos da linguagem dispõem. Precisando ainda mais o foco do presente trabalho, apresentamos o mesmo como uma proposta de estudo sobre cores no âmbito da Lexicografia, disciplina voltada para a discussão a respeito da compilação e aperfeiçoamento de dicionários.

Na discussão aqui apresentada, procuramos trazer contribuições às investigações ao fenômeno cromático de forma a levantar questões sobre a definição lexicográfica de verbetes de cores, de modo a apresentar quais são os principais problemas presentes nestes verbetes e o que a teoria lexicográfica postula a respeito destes problemas.

2 As Cores nos Dicionários

De acordo com Jackson (2002, p.86), os dois principais motivos que levam alguém a consultar um dicionário são: 1) verificar a ortografia das palavras e 2) tomar conhecimento do significado das mesmas. Levando em consideração a importância que a definição ocupa dentro do verbete, visto que é através desse segmento informativo que os consulentes buscam esclarecer as suas dúvidas em relação ao significado das palavras, nos propomos, dentre outras coisas, a levantar discussões a respeito das definições de verbetes de cores nos dicionários gerais de língua do português brasileiro.

A escolha pelo enfoque se deu após a constatação de que as definições lexicográficas de vocábulos que designam cores, do modo como se apresentam nos dicionários gerais do português brasileiro, pouco ou nada contribuem para o entendimento do vocábulo definido. Conforme poderá ser observado, os problemas concernentes às definições de vocábulos de cores parecem decorrer, basicamente, de dois fatores: o primeiro fator está relacionado à própria natureza do objeto definido, que constitui um elemento difícil de ser definido linguisticamente. Além deste primeiro fator, ainda encontramos um segundo, que diz respeito a uma série de problemas encontrados na redação das definições dos dicionários consultados, que parecem ter sido redigidas sem passarem por uma reflexão prévia a respeito do assunto. Importante

observar, também, que os problemas em relação às definições de cores acompanham os dicionários brasileiros há muitos anos, conforme podemos observar ao compararmos o verbete de *amaréllo* do primeiro dicionário brasileiro de língua portuguesa (AnMS, 1813) com os verbetes de *amarelo* de três dicionários recentes também do português brasileiro (AuE, 2004; HouE, 2001 e MiE, 2001)¹:

AMARÉLLO (...) Da cõr da gemma de ovo, do oiro, do rom, enxofre, &c. §. *Amarello tostado* é o muito acceso : *amarello gualdo* é o muito claro. t. de Pint. §. *Homem amarello*: pallido, desmayado. §. *Peixe amarello*, da China, que anda no mar, e pelo estio de muda em ave, &c.

Figura 1: verbete do item lexical *amaréllo* em AnMS (1813)

Amarelo [Do b.-lat. hispânico *amarellu*.] Adjetivo. 1.Da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre: “A boca negra, os dentes amarelos.” (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 39.) 2.Diz-se dessa cor: *tecido de cor amarela*. 3.Pálido, descorado, amarelado. ~ V. *bismuto* —, *cera* —, *cobre* —, *corpo* —, *febre* —a, *febre* —a *silvestre*, *febre* —a *urbana*, *latão* —, *riso* — e *sorriso* —. Substantivo masculino. 4.A cor amarela em todas as suas gradações. [V. *de cor* (3).] 5.No espectro visível (q. v.), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 575 e 590 nanômetros. 6.Bras. Pessoa que tem amarelão. 7.Bras. Bot. V. *vinhático-do-campo*. 8.Bras. N.E. MG SP MT Pej. Pessoa pálida. [Sin. nesta acepç. (em PE): *come-longe*.] ~ V. *amarelos*. Amarelo de tartrazina. 1. Quím. Tartrazina.

Figura 2: verbete do item lexical *amarelo* em AuE (2004)

Amarelo s.m. (944 cf. JM³) **1** a cor da gema de ovo, do açafão, do ouro **2** ÓPT cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 577 a 597 nanômetros [Sensação equivalente pode ser produzida por outros meios.] **3** substância us. para tingir de amarelo **4** tinta amarela **5** homem de raça amarela **6** B indivíduo que sofre de impaludismo **7** B pej. indivíduo pálido **8** CE m.q. ²*amarelinha* **9** ANGIOS m.q. *vinhático-do-campo* (*Plathymenia foliolosa*) **10** ANGIOS m.q. *cuspária* (*Cusparia trifoliata*) **11** ANGIOS m.q. *pau-amarelo* (*Enxylophora paraensis*) □ *adj.* **12** que tem a cor da gema de ovo, do açafão, do ouro; louro, fulvo, dourado **13** diz-se dessa cor <fazenda de cor a.> **14** que se descorou ou perdeu a cor; desmaiado, pálido **15** fig. que se manifesta de maneira forçada, sem espontaneidade; contrafeito <riso a.> □ *amarelos* s.m.pl. **16** guarnições, fechos ou objetos de metal amarelo (latão, cobre etc.) <lustrar os a.> □ a. do ovo a parte central dos ovos das aves; gema □ *rir* ou *sorrir* a. *sorrir* de maneira contrafeita, forçada <diante de tantas provas a condená-lo (sor)riu a.> □ ETIM b.-lat. hispânico *amarellu*, dim. do lat. *amárus*, a, um 'amargo', prov. aplicado à palidez dos que padeciam da icterícia, por ser enfermidade causada por

¹ A utilização de siglas para fazer referência a obras lexicográficas é uma prática bastante utilizada pelos teóricos da Metalexicografia. Seguiremos esta tendência ao longo do presente trabalho.

transtorno da secreção biliar ou humor amargo; ver *amar-*; f.hist. 944 *amarelo* antr., 1132 *amarelam*, sXIII *amarelo*, sXIV *amarello*, sXV *amarelho* □ SIN/VAR como adj.: alourado, atrigado, atrigueirado, flavo, gema, gemado, lauro, louro, melgaço, trigueiro; como subst.: ver sinonímia de ²*amarelinha* □ HOM amarelo(fl.amarelar) □ noção de 'amarelo', usar *antepos.* cirr(o)-, flav-, icter(i/o)-, lute(i)-, lut(i)-, ocr(i/o)- e xant(o)-; *pospos.* -juba

Figura 3: verbete do item lexical *amarelo* em HouE (2001)

a.ma.re.lo *adj* (*lat hispânico amarellus*, de *amarus*) **1** Da cor da luz do Sol, da cor da gema do ovo, da cor do ouro. **2** Dourado, fulvo, louro. **3** Descorado, desmaiado, pálido. **4** Contrafeito: *Riso amarelo*. *sm* **1** Cor que no espectro solar está entre o verde e o alaranjado. **2** A cor amarela. **3** Substância de que se usa para tingir ou corar de amarelo. **4** *Bot* Leguminosa de grandes proporções e de madeira excelente para construção (*Omphalobium ltuosum*). **5** Homem de raça amarela. **6** Pessoa que sofre de impudismo. **7** *Bot V angustura*. **8** *Ictiol* Espécie de baiacu. *A. de curcuma*: o mesmo que *curcumina*. *A. de zinco*: pigmento amarelo-esverdeado, comumente produzido pela reação de óxido de zinco, bicromato de potássio e ácido sulfúrico; usado principalmente na primeira demão de pinturas inibidoras de corrosão e em tintas para impressão.

Figura 4: verbete do item lexical *amarelo* em MiE (2001)

Apesar da diferença cronológica da primeira obra citada em relação às outras, é possível observar que poucas foram as modificações no verbete de *amarelo* no que diz respeito à definição da cor nos quase dois séculos de prática lexicográfica que separam a primeira obra das outras três. Ao isolarmos apenas a primeira paráfrase explanatória² de cada verbete, podemos constatar que a técnica de definição permanece exatamente a mesma, ou seja, a menção a referentes no mundo que possuem como uma de suas características essenciais o fato de possuírem a cor amarela. Além disso, não só a redação da definição permaneceu a mesma, mas também os referentes de cor utilizados permaneceram os mesmos - a gema do ovo e o ouro são elementos que aparecem nas paráfrases das quatro obras expostas acima.

Diante da constatação de que as definições de cores não são muito elucidativas e que, ao que tudo indica, pouco se tem feito nas obras lexicográficas ao longo dos tempos para tornar tais definições menos problemáticas, julgamos pertinente, então, apresentar, com base na literatura especializada, os principais problemas que se

² A noção de paráfrase explanatória adotada neste trabalho provém da proposta de Bugueño (2009) que, ao julgar termos como “definição” e “paráfrase” suscetíveis a uma série de designações possíveis, escolhe empregar o termo “paráfrase explanatória” como “uma escritura nem sempre correspondente ao *definiens* escolástico” (BUGUEÑO, 2009, p244).

encontram no tratamento lexicográfico dado às cores. A apresentação destes problemas abrirá espaço para futuras discussões e questionamentos com fundamentações teóricas, o que poderá levar ao aprimoramento dos verbetes de cores.

Antes de apresentarmos e comentarmos os verbetes, no entanto, julgamos pertinente ressaltar um aspecto importante em relação à tipologia do objeto com o qual trabalhamos (a cor) para melhor conduzir a discussão aqui proposta. Por receberem tratamentos distintos no que diz respeito a sua definição lexicográfica e, por isso, apresentarem características próprias dentro dos dicionários, consideramos pertinente, para fins de averiguação, classificar as cores analisadas em dois grupos distintos. O primeiro caso diz respeito à noção de cor como elemento abrangente. Neste caso, o nome da cor faz referência a todas as possíveis gradações que ela pode assumir dentro do espectro cromático, não especificando uma tonalidade precisa, mas fazendo referência a uma determinada zona da escala cromática que pode assumir uma série de variações na sua tonalidade. Este primeiro tipo de cor, ao qual propomos o nome de *cores simples*, possui como representantes cores como *azul*, *vermelho*, *amarelo* e *verde*. Podemos falar, por exemplo, de um *azul-escuro* e de um *azul-claro*, duas tonalidades diferentes, porém consideradas variações de uma mesma cor no português brasileiro.

Um segundo caso diz respeito às subtonalidades de uma cor simples, que serão tratadas aqui como o campo léxico do vocábulo de cor³. Este segundo tipo de cor diz respeito às tonalidades específicas que uma cor simples pode abranger e, diferentemente das cores simples, que, através de um único vocábulo podem gerar uma série de tonalidades, as *cores complexas* (como convenciamos chamá-las neste estudo) fazem referência a apenas uma tonalidade específica da escala cromática, possuindo, assim, uma natureza bem mais limitada. Os vocábulos que expressam este segundo tipo de cor são, via de regra, constituídos por um nome composto formado por justaposição, que apresenta a cor principal, que é sempre uma cor simples (por exemplo, *amarelo*),

³ Utilizamos aqui uma noção de campo léxico diferente da proposta por Coseriu (1977). O autor define campo léxico como um “paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo (“lexemas”) que se repartem em uma zona de significação contínua comum e encontram-se em oposição imediata umas com as outras” [paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo (“lexemas”) que se repartem em uma zona de significación continua común y se encuentran en oposición inmediata unas con otras.] (Coseriu, 1977, p. 210). Na nossa proposta, apesar de não adotarmos a noção estruturalista de linguagem, optamos por utilizar a terminologia *campo léxico* para denominar os grupos de palavras que nomeiam as diversas tonalidades de uma mesma cor.

seguida de uma variação (-ouro, -claro, -enxofre etc.). Alguns exemplos deste segundo tipo de cor são *azul-bebê*, *verde-água* e *amarelo-cinzeno*.

2.1 Análise de Verbetes de Cores em Dicionários do Português Brasileiro

Nesta seção, apresentaremos de modo detalhado como ocorre o processo de lematização das cores simples e das cores complexas nos dicionários gerais de língua do português brasileiro. Com o intuito de tornar a discussão o mais proveitosa possível, o verbete de cor será abordado na íntegra, não se limitando a focar somente as paráfrases explanatórias que almejam definir tonalidades de cor. Ao longo das análises dos verbetes, utilizaremos o conceito de informações discretas no artigo léxico proposto por Bugueño; Farias (2006; 2008). Com base na ideia de que “o fundamental na estruturação do artigo léxico é que cada segmento seja estratégico, isto é, efetivamente informativo” (BUGUEÑO; FARIAS, 2006, p.117), os autores defendem que o caráter informativo do artigo léxico ocorreria em função da presença de informações discretas e discriminantes. Por informação discreta, entende-se “um segmento informativo [que] corresponde minimamente aos anseios e/ou necessidades de um consulente” e, por informação discriminante, um segmento informativo “efetivamente bem estruturado lingüística e ‘representacionalmente’ para o usuário.” (BUGUEÑO; FARIAS, 2008, p.132). Neste momento, portanto, pretendemos verificar o quão relevantes para o consulente são as informações que vigoram nos verbetes de cores, com especial atenção às paráfrases explanatórias.

2.1.2 Análise das Cores Simples

Em razão de seu caráter abrangente, conforme explicitado anteriormente, e por constituírem as bases das cores complexas, optamos por começar nossas considerações tratando das cores simples. O primeiro verbete analisado diz respeito ao vocábulo *amarelo* lematizado por AuE (2004).

Amarelo [Do b.-lat. hispânico *amarellu*.] Adjetivo. 1.Da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre: “A boca negra, os dentes amarelos.” (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 39.) 2.Diz-se dessa cor: *tecido de cor amarela*. 3.Pálido, descorado, amarelado. ~ V. *bismuto* —, *cera* —a, *cobre* —, *corpo* —, *febre* —a, *febre* —a *silvestre*, *febre* —a *urbana*, *latão* —, *riso* — e *sorriso* —. Substantivo masculino. 4.A cor amarela em todas as suas gradações. [V. *de cor* (3).]

5.No espectro visível (q. v.), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 575 e 590 nanômetros. 6.Bras. Pessoa que tem amarelão. 7.Bras. Bot. V. *vinhático-do-campo*. 8.Bras. N.E. MG SP MT Pej. Pessoa pálida. [Sin. nesta acepç. (em PE): *come-longe*.] ~ V. *amarelos*. Amarelo de tartrazina. 1. Quím. Tartrazina.

Figura 5: verbete do item lexical amarelo em AuE (2004)

Primeiramente, cabe ressaltar que AuE (2004) divide o vocábulo *amarelo* em duas classificações: o adjetivo *amarelo* e o substantivo *amarelo*. Esta divisão ocorre também nos outros dicionários analisados, e, ao que tudo indica, constitui uma praxe no tratamento de cores simples em dicionários. A primeira acepção de *amarelo* diz respeito ao adjetivo, definido como “da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre” (AuE, 2004, s.v. *amarelo*). A partir desta paráfrase explanatória, é possível depreender que estamos diante de um tipo de definição que, nas palavras de Martínez de Souza (1995, s.v. *definición ostensiva*) “emprega como definente exemplos concretos do definido”⁴. Trata-se do que Hartmann (2001) chama de uma definição ostensiva, caracterizada por ser “uma definição em que uma palavra ou expressão é explicada tanto pela indicação direta de um objeto, como pela indicação indireta, através da associação a um objeto” (HARTMANN, 2001, p.104)⁵.

Em relação à classificação de *amarelo* como adjetivo, AuE (2004) traz, ainda, mais duas acepções ao vocábulo: a segunda acepção, “Diz-se dessa cor” pouco ou nada diz ao consulente, e é seguida por um exemplo que, igualmente, não traz muita informação sobre esta segunda acepção: “tecido de cor amarela”⁶. Neste caso, mesmo após muitas leituras, ainda permanece o questionamento sobre a funcionalidade de uma definição assim redigida. Conclui-se, portanto, que tanto a segunda acepção, como o exemplo usado para elucidá-la, constituem informações não-discretas e não-discriminantes ao artigo léxico. A terceira e última acepção de *amarelo* como adjetivo, “Pálido, descorado, amarelado”, faz referência ao fato de, na cultura brasileira, uma pessoa com aspecto anêmico ser associada à cor amarela. Por fim, o dicionário ainda remete a uma série de combinações sintagmáticas em que a palavra *amarelo* (*a*) é constituinte: “bismuto —, cera —a, cobre —, corpo —, febre —a, febre —a silvestre, febre —a urbana, latão —, riso — e sorriso —”. Por estarem muito presentes no

⁴ [Emplea como definente ejemplos concretos del definido.]

⁵ [A definition in which a word or phrase is explained either by pointing directly at an object, or indirectly by association with an object.]

⁶ Grifo do dicionário.

português brasileiro, pode-se considerar tais combinações sintagmáticas como informações discretas e discriminantes, pois remetem a expressões comumente usadas pelos falantes da língua e estão bem dispostas na obra lexicográfica.

A partir da quarta acepção de *amarelo*, o vocábulo é classificado como “o substantivo *amarelo*”. A quarta acepção traz uma definição bem genérica a respeito da cor: “A cor amarela em todas as suas gradações”, que pouco ou nada contribui para um entendimento do consulente a respeito do vocábulo definido. Se, por exemplo, alguém perguntar “o que é amarelo?” e, seguindo a definição de AuE (2004), o interlocutor responder “amarelo é a cor amarela em todas as suas gradações”, pode-se perceber que esta resposta pouco ou nada trouxe de informação nova a respeito do vocábulo que se pretende definir. Ao que parece, a única contribuição de uma definição deste tipo é a de demonstrar a natureza do que o presente estudo convencionou chamar de cor simples, ou seja, uma cor que abrange diversas tonalidades diferentes. Levando-se em consideração, porém, que não é um propósito do dicionário estabelecer uma divisão entre tipologias de cores, a definição apresentada não parece ser de grande utilidade ao consulente.

A acepção de número cinco constitui a mais precisa de todas as definições até agora examinadas, porém possui um baixo poder elucidativo para o consulente. Trata-se de uma definição técnica, que explica a tonalidade amarela segundo as suas propriedades físicas no espectro cromático: “No espectro visível (q. v.), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 575 e 590 nanômetros” (AuE, 2004, s.v. *amarelo*). Note que, aqui, a definição de cor adquire um caráter preciso, bem diferente das outras definições apresentadas pelo dicionário, que abriam espaço para a ambiguidade. Neste caso, procura-se apresentar a cor como um produto do conhecimento científico, neste caso, conhecimentos da Física, e, para tanto, o dicionário se utiliza de uma definição que segue os padrões de uma definição terminológica, uma vez que “trata-se de um enunciado que remete a um corpo de conhecimentos” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.94), e que operam com conceitos como ‘o máximo de informação e o mínimo de expressão’. Este tipo de definição, porém, é ineficiente para o consulente ao qual o dicionário se propõe, que não possui conhecimentos técnicos suficientes para operar com conceitos como “espectro visível”, “radiação eletromagnética” e “comprimento de onda”. Por outro lado, o tipo de usuário que compreenderia tais conceitos e entenderia com clareza esta definição dificilmente

procuraria este tipo de informação em um dicionário geral de língua, pois utilizaria para tal finalidade dicionários, glossários e manuais altamente especializados, voltados para pesquisadores do ramo.

Por fim, as três últimas acepções de *amarelo* são marcadas como “brasileirismos”. São elas: “Pessoa que tem amarelão” (sendo que “amarelão” encontra-se lematizado como uma doença), “V. vinhático-do-campo” (uma espécie de árvore) e “Pessoa pálida”. Separado das acepções, o dicionário Aurélio ainda traz a nomenclatura química “Amarelo de tartrazina”, que, pelos mesmos motivos da acepção de número cinco, dificilmente será útil a algum consulente.

Feitas as observações concernentes à lematização *amarelo* em AuE (2004), passemos agora ao verbete de *azul* em HouE (2001).

Azul *s.m.* (sXIII cf. IVPM) **1** cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta **2** ÓPT cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é da ordem de 455 a 492 nanômetros [Uma sensação equivalente pode ser produzida por outros meios.] **3** *fig.* o firmamento □ *adj.2g.* **4** que tem essa cor (acp. 1) <*suéter a.*> **5** diz-se dessa cor (acp. 1) <*a cor a. acalma*> **6** *fig.* muito assustado, muito perturbado <*ficar a.*> **7** *B* diz-se de gado de cor cinzento-escura □ *a.* de metileno (d1890) QUÍM corante azul (C₁₆H₁₈ClN₃S) us. como bactericida, antídoto contra envenenamento, indicador de reações de oxirredução, em tingimento industrial de tecidos etc. □ tudo *a. fig. B infm.* tudo em ordem, em paz, às mil maravilhas □ ETIM prov. do ár. **lázúrd*, var. do ár. *lázawárd* ou do persa *lájwárd* 'lápiz-lázuli, azul'; segundo Corominas, contrariamente à hipótese mais geral, o voc. não teria chegado à Europa através de um lat.medv. **azurium* ou do fr. provç. *azur* (c1080), e sim por uso pop., ao mesmo tempo, através da península Ibérica e da Itália (esp. *azul* 944, it. *azzurro* sXII); ver *azul*-; f.hist. sXIII *azur*, 1344 *azul* □ SIN/VAR anil; ver tb. sinonímia de *beberrão* e *embriagado* □ ANT ver antonímia de *beberrão* □ noção de 'azul', usar *antepos.* cian(i/o)-; *pospos.* -obi

Figura 6: verbete do item lexical azul em HouE (2001)

Diferentemente de AuE (2004), HouE (2001) opta por apresentar, primeiramente, o *azul* como substantivo para, depois, apresentá-lo como adjetivo. Conforme se pode observar, as duas primeiras paráfrases explanatórias constituem definições científicas de *azul*. A primeira, “cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta” apesar de apresentar um grau menos elevado de complexidade se comparada à segunda, “cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é da ordem de 455 a 492 nanômetros”, ainda requer certo conhecimento científico do consulente, pois faz

referência à localização da cor no espectro solar. A segunda paráfrase se assemelha bastante à paráfrase de número cinco do vocábulo *amarelo*, e, pelos mesmos motivos apresentados anteriormente, também não parece se encaixar no perfil do consulente de HouE (2001).

A terceira acepção de *azul*, “o firmamento”, traz o vocábulo como um sinônimo de *firmamento*. Este tipo de definição constitui o que Martínez de Souza (1995) chama de “definição por sinônimo”, ou seja, a definição em que “a unidade léxica de entrada remete a outra ou outras da mesma categoria gramatical e de igual significado” (MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición por sinónimos*)⁷. O autor, no entanto, considera a definição sinonímica uma definição impropriedade por defender a ideia de que não existam sinônimos perfeitos, ou seja, aplicáveis a todas as situações de substituição de uma palavra por outra.

A partir da acepção de número 4, o dicionário passa a se referir a *azul* como adjetivo. De modo semelhante ao observado em AuE (2004), HouE (2001) apresenta duas paráfrases de pouca funcionalidade no que tange a tentativa de definição da tonalidade *azul*. Primeiramente, trata-se da paráfrase de número 4, “que tem essa cor”, que apenas explica ao consulente que, a partir deste ponto do verbete, *azul* será apresentado como um adjetivo. Julgamos esta paráfrase pouco pertinente porque a marca *adj.*, situada anteriormente à paráfrase, também cumpre com o papel de indicador de troca categoria gramatical do vocábulo, o que, a nosso ver, invalida uma paráfrase com a mesma função. Em relação à paráfrase de número 5, “diz-se dessa cor”, que, por se apresentar exatamente do mesmo modo que a segunda acepção de *amarelo* em AuE (2004), constitui, de igual maneira, uma informação não discreta ao artigo léxico.

A acepção de número 6, “muito assustado, muito perturbado”, remete a um uso figurativo do vocábulo *azul*, fazendo referência à expressão *ficar azul* do português, que em nada se relaciona à tentativa de definição da tonalidade azul. A sétima acepção tampouco faz menção à cor azul, e sim evoca um regionalismo do Brasil, que remete a palavra *azul* a um tipo específico de gado. Em seguida, o dicionário cita e traz informações extras a respeito de um corante químico (*azul de metileno*) e, na última acepção, remete à locução *tudo azul*, bastante difundida e utilizada no português brasileiro. A partir destas acepções, o dicionário traz uma série de informações extras

⁷ [La unidad de entrada remite a otra u otras de la misma categoría gramatical y de igual significado.]

em relação ao vocábulo, que constituem a etimologia do mesmo, seguido de sua antonímia, com uso no sentido figurado.

Passemos, agora, à análise do vocábulo *vermelho* em MiE (2001):

Ver.me.lho *adj* (*lat vermiculu*) 1 Que tem cor encarnada muito viva; rubro. 2 Revolucionário. 3 Que emprega palavras obscenas (canto). 4 Diz-se da raça dos índios da América. 5 Diz-se da cor da pele dos indivíduos dessa raça. *sm* 1 A cor encarnada viva. 2 Verniz composto de resina e sangue-de-frango dissolvidos em álcool. 3 *Ictiol* Peixe marinho da família dos Lutjanídeos (*Lutjanus aya*); acaraiá, acarapitanga, carapitanga, dentão. 4 Comunista. *V. cereja*: que tem a cor vermelha da cereja. *V. heringue, Ictiol*: peixe marinho, da família dos Lutjanídeos (*Lutjanus synagris*); ariocó, caranho, caranho-verdadeiro. *Estar no vermelho*: estar em déficit. *Fazer-se vermelho*: corar de pejo, envergonhar-se.

Figura 7: verbete do item lexical MiE (2001)

O terceiro verbete de cor aqui exposto relaciona-se ao *vermelho*, uma cor que possui uma alta carga emocional, derivada tanto de fatores culturais (a identificação da cor com o fogo e com o sangue, conferindo-lhe um caráter violento), como de fatores físicos (os comprimentos de ondas desta cor encontrarem-se no limite da luz visível no espectro cromático, derivando uma certa agressividade à cor) e até mesmo fatores biológicos (por formar uma imagem mais forte no campo visual, devido aos pontos de convergência dos raios vermelhos estarem localizados atrás da retina, enquanto que o azul, por exemplo, tem o ponto de convergência mais à frente da retina) (GUIMARÃES 2000, p.114). É nesse sentido que Pastoureau (1997, p. 160) classifica o *vermelho* como “a cor por excelência, a cor arquetípica, a primeira de todas as cores”. Este enaltecimento da cor vermelha em relação às outras cores se estendeu também aos verbetes dos dicionários, conforme veremos ao longo da análise.

MiE (2001) apresenta o vocábulo *vermelho* tanto como um adjetivo como também um substantivo, bem como fazem AuE (2004) e HouE (2001). As primeiras acepções da palavra dizem respeito ao seu uso como um adjetivo, sendo a primeira paráfrase, “que tem a cor encarnada muito viva; rubro”, uma tentativa de definição da tonalidade vermelha. Neste caso, o dicionário utiliza-se de um sinônimo de *vermelho* que já caiu em desuso no português brasileiro (*encarnado*) enfatizado por uma metáfora

(*muito viva*) para se referir à intensidade da cor, seguido por outro sinônimo (*rubro*), mais presente na língua que o primeiro sinônimo apresentado. A segunda acepção de *vermelho* também se trata de uma definição por sinônimo, porém não mais se referindo à tonalidade de uma cor, e sim ao fato desta cor ter assumido, na sociedade contemporânea, uma identidade que a liga a guerras e revoluções, transparecendo o seu caráter violento (ao longo da história, bandeiras e símbolos partidários que se colocaram contra a situação política vigente tendiam a adotar a cor vermelha como cor dominante). A terceira acepção de *vermelho*, “que emprega palavras obscenas (canto)”, transparece, mais uma vez, a característica violenta desta cor. As acepções de número 4 e 5, as últimas em relação ao adjetivo *vermelho*, fazem referência à raça de índios *pele vermelha* e modo como suas peles são chamadas, respectivamente. Nestes casos, o dicionário deixa transparecer processos de metaforização e metonimização da cor *vermelha* no português brasileiro, apesar de não colocar isto de modo explícito (o que seria de bom proveito para o consulente caso o fizesse, culminando em uma informação discreta).

No que concerne à definição de *vermelho* como um substantivo, a primeira paráfrase explanatória apresentada por MiE (2001), “a cor encarnada viva”, se assemelha bastante à primeira definição de *vermelho* como adjetivo, pois novamente faz uso do sinônimo *encarnado* e do adjetivo *vivo*. A segunda acepção não se relaciona à cor vermelha, e sim a um tipo de verniz que, por apresentar esta coloração, recebe o nome de *vermelho* através de uma derivação metonímica. A terceira acepção faz menção a um tipo de peixe também conhecido pelo nome de *vermelho* (talvez por derivação metonímica, mas isto não está explícito no dicionário). A acepção de número quatro traz *comunista* como sinônimo de *vermelho*, novamente espelhando o caráter revolucionário da cor, que está estritamente ligada a esta ideologia política, conforme discutido anteriormente, quando apresentamos a acepção de número 2 de *vermelho* como adjetivo, em que o dicionário liga apresenta a cor como sinônimo de revolucionário. A partir deste momento, o dicionário deixa de fornecer acepções para o vocábulo e traz algumas palavras compostas e colocações que envolvem o vocábulo *vermelho*. Primeiramente, traz a lematização de uma cor complexa, o *vermelho-cereja*, que será debatida na próxima seção do trabalho. Em seguida faz menção a outro tipo de peixe e, por fim, duas expressões do português que envolvem a cor vermelha em um

sentido metafórico e metonímico, respectivamente: *estar no vermelho* e *fazer-se vermelho*.

A exposição das diversas definições concernentes ao vocábulo *vermelho* deixa transparecer o forte poder emotivo e até mesmo ideológico que a cor vermelha assume na sociedade contemporânea. Uma das consequências diretas deste fato é a presença de palavras com significados fortes tais como *revolucionário*, *obscenas* e *déficit* vigorarem nas paráfrases explanatórias de *vermelho*. Além do mais, a utilização da metáfora *muito viva* para se referir à cor vermelha também deixa transparecer o caráter intenso da mesma, visto que metáforas deste tipo e com esta finalidade não foram encontradas nos outros verbetes de cores analisados.

Em relação a todas as considerações feitas até agora, fica evidente que, embora os verbetes de cores estejam primordialmente voltados a tratarem de tonalidades da escala cromática, as paráfrases explanatórias mais satisfatórias no que diz respeito aos vocábulos de cores simples não são aquelas que fazem menção à cor, e sim aos usos no sentido figurado do vocábulo ou, até mesmo, às denominações científicas, regionalismos e expressões idiomáticas.

2.1.3 Análise das Cores Complexas

Conforme mencionado anteriormente, a classificação do objeto de estudo do presente trabalho em cores simples e cores complexas ocorreu, primeiramente, em função do tratamento que cada tipo de cor recebe dentro dos dicionários analisados. Apesar de receberem tratamentos distintos nas obras lexicográficas, tanto as cores simples como as cores complexas apresentam problemas em relação a uma de suas principais funções dentro da obra lexicográfica, ou seja, a de informar ao consulente o significado da palavra lematizada (JACKSON, 2002, p.86). Do mesmo modo como foi feito na primeira seção do trabalho, que se dedicou a apresentar o tratamento dado às cores simples por três dicionários semasiológicos do português brasileiro, o objetivo desta segunda seção é conduzir o leitor a uma análise dos principais problemas relacionados às cores complexas nos mesmos dicionários.

Na seção anterior, começamos nossas considerações chamando atenção para o fato de poucas coisas terem mudado no que diz respeito à lematização de cores simples ao se comparar obras lexicográficas com uma diferença de quase dois séculos em relação as suas publicações, conforme pôde ser observado na comparação do verbe

amaréllo de AnMS (1813) com os verbetes de *amarelo* de AuE (2004), AuE (2001) e MiE (2001). No âmbito das cores complexas, é possível constatar algumas modificações em relação à disposição dos vocábulos na macroestrutura do dicionário ao se comparar AnMs (1813) com AuE (2004), MiE (2001) e HouE (2001). Por outro lado, em relação às suas definições, podemos constatar que não houve mudanças efetivas nas obras analisadas. Vejamos alguns exemplos:

AZÚL [...] a cor, que tem o Ceo limpo, é azul celeste; alias *pombinho*, *fino*: o claro é mais aberto que o celeste. *Azul ferrete*; apertado, fechado; *turqui* é o escuro.

Figura 8: verbete do item lexical *azúl* em AnMS (1813)

azul-celeste [...] 1. Azul da cor do céu.

Figura 9: verbete do item lexical *azul-celeste* em AuE (2004)

A.-celeste: azul-do-céu; azul-fino; azul-pombinho.

Figura 10: verbete do item lexical *azul-celeste* em MiE (2001)

azul-celeste [...] 1 cor azul-clara, como a do céu quando limpo.

Figura 11: verbete do item lexical *azul-celeste* em HouE (2001)

azul-pombinho [...] 1. V. *azul-celeste*.

Figura 12: verbete do item lexical *azul-pombinho* em AuE (2004)

A.-pombinho: o mesmo que a.-celeste.

Figura 13: verbete do item lexical *azul-pombinho* em MiE (2001)

azul-pombinho [...] m.q. azul-celeste.

Figura 14: verbete do item lexical *azul-pombinho* em HouE (2001)

azul-claro [...] 1. De um tom claro de azul

Figura 15: verbete do item léxica *azul-claro* em AuE (2004)

azul-claro [...] 1. Tonalidade clara de azul.

Figura 16: verbete do item lexical *azul-claro* em HouE (2001)

azul-ferrete [...] 1. Azul muito carregado, tirante a preto

Figura 17: verbete do item lexical *azul-ferrete* em AuE (2004)

A.-ferrete: azul muito concentrado, tirante a preto; azul-turqueza; azul-turqui

Figura 18: verbete do item lexical azul-ferrete em MiE (2001)

A.-turqui: o mesmo que a.-ferrete.

Figura 19: verbete do item lexical azul-turqui em MiE (2001)

Analisando os verbetes referentes a algumas cores complexas derivadas de *azul*, é possível constatar que a principal diferença dos dicionários atuais em relação a AnMS (1813) está relacionada ao modo como os vocábulos estão dispostos. Atualmente, há uma tendência em se lematizar isoladamente cada vocábulo de cor complexa em um verbete único, conforme constatado de modo total em AuE (2004) e HouE (2001), que trazem todos os vocábulos de cores complexas lematizados separadamente das cores simples, e de forma parcial em MiE (2001), que, em alguns casos, lematiza os vocábulos de cores complexas dentro do verbete de cor simples da qual derivam e, em outros casos, os lematiza isoladamente.

Ainda em relação à lematização das cores complexas, é notória a grande quantidade de vocábulos designantes deste tipo de cor que se encontram lematizados nos dicionários atuais. Em uma comparação quantitativa entre AnMS (1813) e os dicionários atuais, AuE (2004), MiE (2001) e HouE (2001), é possível observar a grande quantidade de vocábulos que designam cores complexas que passaram a fazer parte do acervo de palavras dos dicionários. No verbete *azul* de AnMS (1813) exposto acima, por exemplo, foram encontrados seis vocábulos referentes à cores complexas oriundas de *azul* (*azul-celeste*, *azul-pombinho*, *azul-fino*, *azul-claro*, *azul-ferrete* e *azul-turqui*), ao passo que, nos outros dicionários analisados, foi contabilizado um total de dezenove vocábulos referentes a cores complexas oriundas de *azul* (somando-se as ocorrências de AuE 2004, HouE 2001 e MiE 2001). Apesar de apontar para uma provável melhoria em relação à lematização de vocábulos de cores complexas, este aumento na quantidade de palavras também abre margem a questionamentos a respeito do uso efetivo destas palavras por falantes nativos da língua.

Com o intuito de verificar a familiaridade dos vocábulos de cores complexas junto aos falantes do português, desenvolvemos um experimento no qual foi solicitado a

93 voluntários⁸ que atribuíssem o seu grau de familiaridade a cada um dos 55 vocábulos de cores complexas oriundas de *azul*, *amarelo*, *verde* e *vermelho* encontradas nas três obras analisadas. Nas instruções, foi solicitado aos voluntários que atribuíssem um valor de 1 a 5 a cada um dos vocábulos, onde o valor 1 corresponderia a um julgamento nada familiar, o valor 2 corresponderia a um julgamento pouco familiar, o valor 3 corresponderia a um julgamento medianamente familiar, o valor 4 corresponderia a um julgamento muito familiar e o valor 5 corresponderia a um julgamento totalmente familiar.

Após a coleta dos dados, calculamos a média de cada um dos vocábulos de cores complexas de acordo com os valores preenchidos nas folhas de respostas. O cálculo constituiu uma operação matemática bastante simples: após somarmos os valores atribuídos a uma cor simples por cada um dos 93 participantes, dividimos o resultado dessa soma por 93 (número de participantes), com o intuito de estabelecer a média geral. As médias gerais de cada um dos vocábulos pesquisados foram capazes de indicar vocábulos com um alto grau de familiaridade entre os falantes nativos pesquisados e vocábulos com um baixo grau de familiaridade entre estes mesmos falantes⁹.

Os vocábulos *amarelo-ouro*, *amarelo-claro*, *amarelo-escuro*, *azul-celeste*, *azul-claro*, *azul-céu*, *azul-escuro*, *azul-marinho*, *azul-piscina*, *azul-turquesa*, *verde-abacate*, *verde-água*, *verde-claro*, *verde-escuro* e *verde-musgo* foram considerados vocábulos de grande familiaridade pelos pesquisados, apresentando médias acima de 4 nas nossas análises. A alta familiaridade dos falantes com os vocábulos acima mencionados nos faz acreditar que estes vocábulos devem ser lematizados pelos dicionários, uma vez que compõem o léxico cromático do português brasileiro e, por isso, devem fazer parte do acervo de palavras que descrevem essa língua.

⁸ Os voluntários foram estudantes de graduação dos cursos de Letras, Química, Fonoaudiologia, História, Física, Geografia, Pedagogia, Direito e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 39 anos.

⁹ Apesar da pesquisa aqui desenvolvida ir ao encontro de nossas hipóteses a respeito de alguns vocábulos de cores, ela ainda pode ser alvo de críticas em função de ter sido desenvolvida apenas com falantes gaúchos, podendo, portanto, expressar apenas a familiaridade de falantes do Rio Grande do Sul com os vocábulos de cores em questão. Com o intuito de dar mais confiabilidade aos resultados obtidos, optamos por checar a frequência de uso destes vocábulos em um site de buscas da internet (o Google), o que nos deu mais segurança na divulgação dos resultados. Bem como nossa pesquisa já havia sugerido, reiteramos nossas suspeitas de que os vocábulos com escores inferiores a 2 apresentam um baixo uso, uma vez que possuem uma baixa frequência também em textos publicados na internet. Isso pode ser comprovado pela observação da frequência de vocábulos tais como *azul-faiança* (255 ocorrências no Google) ou *amarelo-cobalto* (157 ocorrências) em comparação ao vocábulo *azul-marinho* (aproximadamente 2.180.000 ocorrências), por exemplo.

Nossa maior surpresa, no entanto, diz respeito ao número elevado de vocábulos que foram julgados como pouco familiares pelos entrevistados dessa pesquisa. O vocábulos de cores complexas elencados a partir de agora apresentaram escores inferiores a 2 na nossa pesquisa, o que lhes confere a característica pouco ou nada familiares. São eles: *amarelo-cinzento*, *amarelo-cobalto*, *amarelo-enxofre*, *amarelo-gualdo*, *azul-aço*, *azul-antraceno*, *azul-de-aço*, *azul-faiança*, *azul-ferrete*, *azul-fino*, *azul-pombinho*, *azul-turqui*, *verde-alvo*, *verde-azul*, *verde-bronze*, *verde-crê*, *verde-gaio*, *verde-montanha* e *verde-negro*. Abaixo, apresentamos a tabela completa, com os escores finais de cada um dos vocábulos de cores complexas avaliados:

AMARELO-ÂMBAR	2,32
AMARELO-CANÁRIO	3,24
AMARELO-CINZENTO	1,70
AMARELO-CLARO	4,53
AMARELO-COBALTO	1,46
AMARELO-ENXOFRE	1,56
AMARELO-ESCURO	4,20
AMARELO-ESVERDEADO	3,30
AMARELO-FOSCO	2,70
AMARELO-GUALDO	1,08
AMARELO-LIMÃO	3,37
AMARELO-OURO	4,52
AMARELO-TORRADO	2,68
AZUL-AÇO	1,40
AZUL-ANTRACENO	1,11
AZUL-CELESTE	4,61
AZUL-CLARO	4,90
AZUL-CÉU	4,19
AZUL-COBALTO	2,18
AZUL-DE-AÇO	1,30
AZUL-DO-CÉU	2,72
AZUL-ESCURO	4,86
AZUL-FAIANÇA	1,08
AZUL-FERRETE	1,07
AZUL-FINO	1,07
AZUL-MARINHO	4,96
AZUL-PAVÃO	1,68
AZUL-PISCINA	4,51
AZUL-POMBINHO	1,13
AZUL-TURQUESA	4,14
AZUL-TURQUI	1,10
AZUL-VIOLETA	2,55
VERDE-ABACATE	4,24
VERDE-ÁGUA	4,47

VERDE-ALVO	1,34
VERDE-AMARELO	2,34
VERDE-AZUL	1,94
VERDE-BANDEIRA	3,74
VERDE-BRONZE	1,43
VERDE-CINZA	1,43
VERDE-CLARO	4,77
VERDE-CRÉ	1,06
VERDE-E-AMARELO	2,88
VERDE-ESCURO	4,81
VERDE-ESMERALDA	3,69
VERDE-GAIO	1,06
VERDE-GARRAFA	2,43
VERDE-JADE	2,59
VERDE-MAR	3,31
VERDE-MONTANHA	1,58
VERDE-MUSGO	4,37
VERDE-NEGRO	1,62
VERDE-OLIVA	3,77
VERDE-PISCINA	3,09
VERMELHO-CEREJA	3,74

As considerações feitas até aqui apontam para o primeiro grande desafio enfrentado pelos dicionários em relação à lematização de cores complexas, ou seja, a escolha dos vocábulos que farão parte da macroestrutura da obra lexicográfica. Ainda que esta discussão não esteja diretamente relacionada ao principal foco de debate do presente trabalho, que é a definição lexicográfica, ela se faz pertinente por dois motivos. Primeiramente, porque permite que se questione a respeito do que AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001) propõem a seus consulentes, ou seja, a descrição do léxico da língua, e o que de fato é oferecido, ou seja, palavras que pouco ou nada contribuem para essa descrição, por terem pouca (ou nenhuma) evidência de emprego real pelos falantes (informações não-discretas). Em segundo lugar, porque coloca em questionamento a necessidade de formulação de paráfrases explanatórias que informem (mesmo que de maneira pouco satisfatória, conforme será mostrado logo adiante) a significação de palavras que parecem não vigorar no uso real da língua.

Em relação às paráfrases explanatórias das cores complexas, pudemos levantar uma série de considerações pertinentes à discussão aqui proposta. Diferentemente das cores simples, que possuem como uma de suas características principais dentro dos dicionários o fato de serem definidas através de uma série de mecanismos parafrásticos,

as cores complexas geralmente são definidas através de uma única paráfrase. Nos verbetes de cores complexas analisados, foi possível identificarmos três casos diferentes de tentativas de parafraseamento da cor. Delinearemos, a seguir, cada um dos casos.

A maior parte das paráfrases de cores complexas analisadas constitui uma das principais opções metodológicas disponíveis na Lexicografia para a formulação de paráfrases explanatórias, que é a definição por gênero próximo e diferença específica. Este tipo de definição é construído através do estabelecimento de termo descritor, que é um hiperônimo do vocábulo a ser definido, e especificadores que diferenciam este vocábulo de seus co-hipônimos (FARIAS, 2009, p.76). Vejamos alguns exemplos:

amarelo-cinzeno [...] 1. tom acinzentado de amarelo.

Figura 20: verbete do item lexical amarelo-cinzeno em HouE (2001)

azul-celeste [...] 1. Azul da cor do céu.

Figura 21: verbete do item lexical azul-celeste em AuE (2004)

vermelho-cereja: que tem a cor vermelha da cereja.

Figura 22: verbete do item vermelho-cereja em MiE (2001)

Apesar da tentativa de se formular uma definição seguindo os moldes da definição por gênero próximo e diferença específica, a maioria das paráfrases assume a característica do que muitos estudiosos convencionaram chamar de *definição circular*. Para Landau (2001, p.157), evitar a circularidade é o princípio mais importante na redação de definições lexicográficas. O autor cita dois tipos de circularidade: um primeiro tipo seria quando se define A em termos de B e B em termos de A e um segundo tipo quando simplesmente A é definido em termos de A (LANDAU, 2001, p.157). Ao também tratar da definição circular, Martínez de Souza (1995, s.v. *definición circular*) a concebe como uma “definição defeituosa onde o definido e o definiente se remetem reciprocamente”¹⁰, ou seja, o segundo tipo de circularidade apontado por Landau (2001). Este segundo tipo de definição circular, em que o objeto definido e a sua definição se remetem de modo recíproco, é o que mais vigora dentre as cores complexas.

¹⁰ [Definición defectuosa en la que el definido y el definiente se remiten reciprocamente.]

Quando não utilizam uma definição circular nos moldes dos exemplos apresentados acima, também é comum encontrar o uso de definições por sinônimos para definir cores complexas, o que leva o consulente a crer que muitos dos vocábulos destas cores fazem referência a uma mesma tonalidade, apesar da tonalidade em questão nem sempre ficar clara no verbete do dicionário. Estamos diante, portanto, de dois problemas. Primeiramente, trata-se de um problema de ordem lexicológica, relativo ao fato de o dicionário não especificar ao consulente se uma tonalidade pode assumir dois nomes diferentes, ou seja, se dois vocábulos de cor complexa fazem, de fato, menção à mesma tonalidade. Outro problema diz respeito à metodologia empregada pelo dicionário, ou seja, o uso definições sinonímicas e de remissões que, neste caso, em vez de ajudar o consulente, acabam por tornar a informação mais confusa. Vejamos alguns exemplos:

verde-gaio [...] 1. V. *verde-claro*.

Figura 23: verbete do item lexical verde-gaio em AuE (2004)

A.-fino: o mesmo que a.-celeste.

Figura 24: verbete do item lexical azul-fino em MiE (2001)

verde-mar [...] m.q. verde-claro

Figura 25: verbete do item lexical verde-mar em HouE (2001)

Nos verbetes extraídos de AuE (2004) e HouE (2001) é possível identificar o uso das abreviaturas *V.* (“ver” ou “vide”) e *m.q.* (“mesmo que”), respectivamente. Trata-se de um sistema de remissões, relativo ao que muitos estudiosos convencionaram chamar de medioestrutura. Segundo Welker (2004, p. 177), a medioestrutura consiste em maneiras de se remeter o usuário de um lugar a outro dentro da obra lexicográfica. O autor ainda salienta que as remissões podem ser tanto para dentro como para fora do dicionário, sendo as primeiras (remissões internas) as mais importantes (WELKER, 2004, p.177).

Em relação às remissões dentro dos verbetes, Welker (2004, p.178-179) aponta para dois tipos: as facultativas, às quais o consulente só segue se almejar mais informações, e as obrigatórias, que ocorrem quando não há uma definição disponível para o vocábulo lematizado, o que obriga o consulente a seguir a remissão para obter a

informação que procura. Nos casos analisados, as remissões identificadas constituem o que Welker (2004) classifica como remissões obrigatórias. Segundo o autor, este tipo de remissão ocorre devido a situações tais como: a lematização de uma palavra que não constitua um lexema, mas que faça parte de um lexema complexo (neste caso, a remissão é feita ao verbete principal); a lematização de formas flexionadas, onde a remissão é feita para a forma canônica; a lematização de uma palavra de uso não tão frequente na língua, que, então, é remetida à palavra mais usual (WELKER, 2004, p. 178-179).

Das três situações apresentadas por Welker (2004), apenas a última parece justificar o uso de remissões nos verbetes de cores complexas, sendo que algumas ressalvas se fazem importantes. De fato, o vocábulo *verde-gaio* (AuE, 2004) parece ser bem menos usual que o vocábulo *verde-claro*, o que justificaria a remissão do primeiro para o segundo. Porém, no caso de *verde-mar* (HouE, 2001), a frequência de uso parece-nos alta o suficiente para se evitar a remissão (obteve um média 3,31 na nossa pesquisa sobre familiaridade). Note, ainda, que não entramos aqui no mérito do significado destas palavras, ou seja, se realmente *verde-gaio*, *verde-mar* e *verde-claro* são equivalentes semânticos de cor. Estamos apenas discutindo questões metodológicas dos dicionários analisados.

Em relação à definição sinonímica apresentada em MiE (2001, s.v. *azul-fino*), “o mesmo que azul-celeste”, levantamos, da mesma forma, os dois problemas acima discutidos: primeiramente, trata-se do questionamento se, de fato, a tonalidade nomeada pelo vocábulo *azul-fino* é a mesma tonalidade nomeada por *azul-celeste*. Em segundo lugar, questionamos a eficácia da definição que, ao apresentar um possível sinônimo para o vocábulo definido, traz a definição deste sinônimo de forma pouco esclarecedora, pois apresenta outra definição sinonímica (“azul-do-céu; azul-fino; azul-pombinho”). Conforme é possível constatar pelas paráfrases acima apresentadas, a utilização de sinônimos e de remissões na definição das tonalidades de cores tampouco esclarece o consulente a respeito do significado da palavra que se almeja definir, sendo, deste modo, tão pouco informativas quanto as definições circulares apresentadas anteriormente.

Há, ainda, um terceiro tipo de definição que vigora entre os vocábulos de cores complexas, que se trata da tentativa do lexicógrafo em descrever a cor sem cair na circularidade apresentada anteriormente:

Amarelo-canário [...] Cor amarelo-clara, moderadamente esverdeada, como a de certos canários.

Figura 26: verbete do item lexical *amarelo-canário* em MiE (2001)

verde-musgo [...] 1. Que tem uma tonalidade de verde escuro, opaco, com reflexos acinzentados, que lembra o musgo.

Figura 27: verbete do item lexical *verde-musgo* em AuE (2004)

azul-violeta [...] 1. Tom arroxeadado de azul

Figura 28: verbete do item lexical *azul-violeta* em HouE (2004)

azul-piscina [...] 1. Azul tirante a verde como o da cor da água clorada de piscina.

Figura 29: verbete do item lexical *azul-piscina* em AuE (2004)

verde-piscina [...] 1. Verde azulado tirante a azul-piscina.

Figura 30: verbete do item lexical *verde-piscina* em AuE (2004)

Novamente, a definição apresentada é a do tipo gênero próximo e diferença específica, porém, nestes casos, a tentativa de reescrita da cor não leva a uma definição circular, o que torna estas definições a menos passível de críticas dentre os três tipos de definições encontrados nos verbetes de cores complexas. No entanto, esta tentativa de descrever a cor ainda não é clara o suficiente a ponto de esclarecer o consulente sobre a tonalidade a qual o verbete faz menção. Note, por exemplo, que apesar de AuE (2004) apresentar definições diferentes para os vocábulos *azul-piscina* e *verde-piscina*, não fica claro para o consulente se estes dois vocábulos fazem menção à mesma tonalidade ou não, ou seja, se são duas designações.

Neste momento da discussão, cabe também ressaltar que qualquer um dos três tipos de definições utilizados para definir cores complexas se baseia no conhecimento prévio do consulente em relação ao significado da cor simples da qual a cor complexa deriva. Assim, na definição de *verde-musgo*, é esperado que o consulente tenha conhecimento da tonalidade a qual a palavra *verde* faz menção, para que possa compreender, pelo menos de modo parcial, a qual tonalidade a palavra *verde-musgo* se refere. É neste sentido que podemos concluir que, em relação à sua definição, as cores

complexas são altamente dependentes das cores simples das quais derivam. Levando em conta que as definições das cores simples pouco contribuem para o esclarecimento dos consulentes, conforme pudemos observar nas análises feitas na seção anterior, podemos então concluir que uma definição de cor complexa que esteja ancorada em uma definição de cor simples também será problemática, pois esta definição já parte da suposição de um conhecimento que não está apresentado de forma satisfatória na obra lexicográfica. Além disso, a apresentação de uma boa definição de cor simples não garante, automaticamente, uma definição satisfatória de cor complexa, o que nos leva a entender a grande complexidade intrínseca às definições de cores (tanto simples como complexas).

Outro ponto também importante de ser ressaltado diz respeito ao fato de praticamente todas as paráfrases explanatórias de cores complexas serem passíveis à prova da substituição. Para Seco (2003, p.32), a prova da substituição constitui “o banco de provas” da definição lexicográfica. Segundo o autor, “se o enunciado definidor pode substituir o termo definido, em um enunciado de fala, sem que o sentido objetivo dele se altere, o enunciado definidor é válido” (SECO, 2003, p.32)¹¹. Neste caso, a possibilidade de substituição de *o azul-violeta é a minha cor preferida* por *o tom arroxeadado de azul é a minha cor preferida* seria um fator que conferiria à definição das cores complexas um caráter satisfatório, pelo menos teoricamente. Na prática, no entanto, é possível constatar que, mesmo sendo suscetíveis à prova da substituição, as paráfrases definidoras de cores complexas não são tão satisfatórias no que diz respeito ao seu caráter informativo da tonalidade a qual o vocábulo faz menção, o que nos faz reconsiderar os postulados a respeito da prova da substituição, pelo menos em relação aos vocábulos de cores complexas.

Diante dos exemplos apresentados e das considerações feitas ao longo desta seção, alguns questionamentos a respeito das cores complexas podem ser levantados. No momento, a primeira conclusão que temos em relação a este tipo de cor nos dicionários analisados é que, por não apresentarem definições que esclarecem de forma satisfatória a qual tonalidade de cor o vocábulo lematizado faz menção, nos parece que os verbetes de cores complexas cumprem o papel de apenas indicar ao consulente quais são os vocábulos de cores complexas do português brasileiro, sem esclarecer o

¹¹ [Se El enunciado definidor puede sustituir al término definido, em um enunciado de habla, sin que El sentido objetivo de este se altere, el enunciado definidor es valido.]

significado destas palavras. Seria o mesmo que o dicionário se propusesse a listar, por exemplo, as diversas partes que constituem o corpo humano (cabeça, tronco, pernas, ombros etc.), mas não apresentasse as características e as funções destas partes, oferecendo, assim, apenas uma lista de vocábulos ao consulente. É nesse sentido que concluímos que, ao que tudo indica, os dicionários estão mais preocupados em aumentar a densidade macroestrutural, lematizando uma série de vocábulos que nomeiam cores complexas, do que em propriamente tentar esclarecer o consulente a respeito do conteúdo destes vocábulos, ou seja, a qual tonalidade eles fazem menção.

3 Considerações Finais

Ao expormos os diversos problemas que permeiam os verbetes de cores nos dicionários gerais do português brasileiro, chamamos atenção para o fato de o tratamento lexicográfico de vocábulos de cores ainda carecer de muitos aprimoramentos para cumprir efetivamente com os propósitos dos dicionários. No entanto, apenas dizer que as definições de cores são problemáticas constituiria um exercício muito limitado e baseado em critérios apenas impressionistas. Por isso, apresentamos, neste trabalho, análises minuciosas de verbetes de cores simples e complexas para que o problema pudesse ser explorado ao máximo e, assim, comprovarmos a sua complexidade. Além disso, procuramos, ao longo de nossas análises, relacionar os diversos problemas encontrados nos verbetes de cores com postulados de importantes teóricos da Lexicografia, com o intuito de justificar, com embasamento teórico, o porquê das nossas críticas aos dicionários aqui analisados.

Este trabalho, portanto, busca justificar a pertinência de estudos que tratem da lematização de vocábulos de cores, uma vez que qualquer proposta de aprimoramento de algum objeto deve partir do reconhecimento de seus aspectos problemáticos. Acreditamos que em pleno séc. XXI a Lexicografia disponha de ferramentas muito proveitosas para o aprimoramento de dicionários e que estas ferramentas podem contribuir de maneira bastante satisfatória para o aperfeiçoamento das definições de cores.

Dispomos, hoje em dia, por exemplo, de estudos semânticos bastante desenvolvidos dispostos a tratar do processo de construção do significado nas línguas. Além disso, contamos, também, com ferramentas eletrônicas que podem ser muito proveitosas na compilação de dicionários, tanto para avaliar o uso e a frequência de

vocábulo na nossa língua, como também para indicar os seus significados mais correntes. Outro exemplo de recurso possível de ser utilizado atualmente pelos dicionários é a utilização de gravuras em obras lexicográficas, um artifício limitado no ano de edição de AnMS (1813), mas bastante possível nos dias de hoje.

Diante destas considerações, justificamos por que julgamos improcedente que as definições de cores encontradas em AnMS (1813) e de AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001) sejam tão semelhantes. Estes quase dois séculos que separam a primeira obra citada das outras três trouxeram avanços muito significativos, tanto nos estudos linguísticos, que permitiriam discussões voltadas para o aprimoramento das definições aqui expostas, como em outras esferas da transmissão da informação, que poderiam providenciar mecanismos auxiliares aos dicionários na descrição do significado de uma cor. Acreditamos que as considerações aqui expostas constituam um primeiro passo na tentativa de aprimoramento de um problema que, ao que tudo indica, não tem recebido a devida atenção há, pelo menos, duzentos anos de prática lexicográfica.

Referências Bibliográficas

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Fundamentos da biologia moderna**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

AnMS. SILVA, A. de M. **Dicionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

AuE. FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

BUGUEÑO, F.; FARIAS, V. S. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, n.18, p. 115-135, 2006.

_____; _____. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. In: BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, Ph.; XATARA, C. M. (Org.). **Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e perspectivas**. Florianópolis: UFSC / NUT, 2008. p.129-167 (Disponível em: <http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf>. Acesso em: 22/02/2011).

_____. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. **Alfa**, São Paulo, v.53, p.243-260, 2009.

COSERIU, E. **Principios de Semántica Estructural**. Madrid: Gredos, 1977.

EVANOVICH, E. **Evolução da visão em cores**. Projeto Evoluindo - Biociência.org. 2004.

(Disponível em: <http://www.evoluindo.biociencia.org/visaocores.htm> . Acesso em: 09.07.10)

FARIAS, V.S. Whole-sentence definition versus definição por genus proximum + differentiae specificae: um contraste entre duas técnicas definitórias. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.17, p.73-100, 2009.

GOETHE, J. W. **Doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação**. A construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2000.

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J. **Fundamentos de Física**. 6.ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2003.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of lexicography**. London/ New York: Routledge, 2001.

HouE. HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACKSON, H. **Lexicography: an introduction**. London: Routledge, 2002.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LANDAU, S. **Dictionaries: the art and craft of lexicography**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MiE. MICHAELIS: **Dicmaxi Michaelis Português**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

NEWTON, I. **Opticks or a treatise of the reflections, refractions, inflections & colors of light**. New York: Dover, 1979.

PASTOUREAU, M. **Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

SECO, M. **Estudios de lexicografía española**. Madrid: Gredos, 2003.

WELKER, H. A. **Dicionários**. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WITTGENSTEIN, L. **Anotações sobre as cores**. Lisboa: Edições 70, 1977.

Domínios de Lingu@gem